

**A VERDADE NUA**

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649393749

A verdade nua by Carlos Malheiro Dias

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.  
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

[www.triestepublishing.com](http://www.triestepublishing.com)

**CARLOS MALHEIRO DIAS**

# **A VERDADE NUA**



CARLOS MALHEIRO DIAS

Da Academia das Ciências de Lisboa  
e da Academia Brasileira

# A Verdade Nua

2.<sup>a</sup> EDIÇÃO REVISTA

ESTABELECEM-SE OS



LISBOA  
PORTUGAL-BRASIL LIMITADA  
SOCIEDADE EDITORA  
55-60 RUA GARRETT — BUA DO OURO, 132-138

RIO DE JANEIRO  
COMPANHIA EDITORA AMERICANA  
LIVRARIA FRANCISCO ALVES



Reservados todos os direitos de reprodução em Portugal, conforme preceituam as disposições do *Código Civil Português*; no Brasil, nos termos do convénio de 9 de Setembro de 1889 e lei n.º 2.577, de 17 de Janeiro de 1912; nos países convencionados, em harmonia com a convenção de Berne, a que Portugal aderiu por decreto de 17 de Março de 1911.

## A verdade nua

... Então, o monge Gabriel atinge o planalto onde habita a Verdade, distante do mundo e dos homens. Descobre-a ao longe, banhando o corpo formoso em um regato límpido, e avança, deslumbrado. A deusa foge, veloz como o vento e silenciosa como o andar das águas. Fascinado, ele persegue-a. A Verdade deixa-se aproximar pelo único ente humano que ousa tentar em querer alcançá-la, e o monge suplica: — pois que a Humanidade não quisera chegar até ela, que a Deusa descesse, generosa, para junto dos homens... E ela desce ao vale onde habitam os homens, esplêndida e pura na sua radiosa nudez.

*(Canto filosófico de Luís Weber, interpretado pelo cine-matógrafo).*

Minha senhora.

Cumpro, com um prazer que nunca se causa de servi-la e obedecer-lhe, as suas ordens tão amavelmente imperativas. Saber mandar sempre foi um dos mais soberanos dons da espécie mortal.

Justamente eu creio que a decadência dos povos corresponde aos eclipses periódicos desse dom magnético, dispensado pela avara Providência aos seus eleitos. Sempre a es-

quiva glória acompanhou, submissa, os que sabem mandar. Por isso eu me submeto contente ao dom divino, quer êle flameje na frente inspirada de um pensador, quer alumie a inspiração vidente do artista, quer cintile como uma fosforescência de alma no espírito de uma mulher, que sabe mandar sorrindo. Um dos encantos perturbadores do conto filosófico de Weber, escrito na maneira sibilina da *Peau de Chagrin*, de Balzac, é a homenagem que nêle se presta à mulher, à sua sensibilidade divinatória, como a mais capaz de venerar a Verdade, sem se escandalizar com a sua nudez.

Sôbre a mulher, desde que a humanidade descobriu a utilidade da Hipocrisia e lhe levantou altares, tem pesado os mais cruéis tributos cobrados para o sustento e o esplendor do culto nefando. Os preconceitos sociais, que são a liturgia dessa religião, converteram a mulher em vítima expiatória do rito monstruoso. A sacrificada, sentindo na sua beleza, na carne saturada de ternura e condenada ao doce suplício do amor, a ausência das energias reagentes, amaldiçoou sempre, nas intimidades mais secretas da natureza, essa divindade dos homens: a Hipocrisia que governa o mundo.

A lição, aliás inútil, que o cinematógrafo



acaba de dar a alguns milhares de espectadores de uma grande cidade hipócrita como tôdas as cidades, certamente lhe teria proporcionado uma hora de pura emoção espiritual e delicioso alívio. Enquanto as atenções do público eróticamente se concentravam na aparição do corpo nu, de uma alvura de nacar, que ia e viaha, subtil como um fantasma de beleza, através do drama filosófico, a sua inteligência sagaz ter-se ia aplicado extasiadamente em acompanhar a viagem analítica do filósofo através dos círculos dançescos dêsse outro inferno que é a Hipocrisia humana.

Como todo o bom conto filosófico, o de Weber prepara com um prólogo de lenda o descritivo analítico da realidade. Estamos, pois, em plena Idade Média, num convento de frades goliardos, que se bacqueteiam. No refeitório rude, sentados em escanos, em volta da mesa coberta de vitualhas, presidida pelo abade obeso, que esvazia de um trago os picheis de vinho, a comunidade faz honra à ueharia conventual. É, minha senhora, o espectáculo animal da nutrição, que nesses tempos tão bárbaros ainda se não ornamentára com os requintes da hipocrisia elegante dos seus jantares encantadores. Enquanto, porém, a comunidade devora e bebe, à luz

dos brandões acesos, frei Gabriel, macerado de jejuns, corpo onde há mais ideal do que instinto, mais alma do que matéria, entrevê e realiza a imagem da Verdade e com o cinzel esculpe no mármore a deusa nua. Na alma pura do asceta, desprendida e redimida das máculas da Hipocrisia, a nudez — que os homens converteram em indecência — era a suprema candura, símbolo da suprema pureza. Estamos, como vê, de regresso ao paraíso, em plena lenda bíblica: lição eterna e nunca aprendida do Bem e do Mal.

Frei Gabriel decide doar ao povo a obra-prima redentora; cuja contemplação restabelecerá o reinado da Verdade sôbre a terra escurecida de mentira. A doação do inspirado reveste-se de tôdas as pompas de uma solenidade. A realeza, a nobreza, a igreja, a sciência, o trabalho e a miséria estão presentes à cerimonia. É tôda a humanidade representada na magna assemblea.

O monarca e sua consorte, coroados, envoltos na majestade dos macios mantos de herminias, sentam-se no trono, entre a côrte fulgurante. O vento desdobra as insígnias e os balsões reais, franjados de ouro. Tremulam as plumas e resplandecem as pedrarias nos palanques guarnecidos de colgaduras. Em outro estrado, congregam-se os

homeus da Lei e da Sciência, os magistrados e os astrólogos, os guardiães da sabedoria humana, como múmias erectas, de frontes sulcadas pelas vigílias. Depois, amontoam-se os guerreiros, com a viseira dos capacetes descida, as couraças modelando as musculaturas, as mãos possantes descansando no pomo de ferro do gládio lampejante, em atitude de expectativa. E agora a Igreja, com os bispos mitrados, revestidos de pontifical, apoiados aos báculos de ouro guarnecidos de berilos, topázios e ametistas, os tonsorados envergando os hábitos e as freiras em postura mística de adoração. Em seguida a plebe, com os símbolos dos ofícios, e em penúltimo lugar os leprosos e os mendigos, porque o último, na escala descendente que vem do cume ao vértice, pertence à pecadora arrependida... a mais próxima da inocência pelo conhecimento doloroso da Verdade.

Acomodada assim a humanidade, o instante solene, enfim, chega em que o asceta vai desvendar a sublime estátua. Soam as trombetas. A turba move-se, ansiosa. Frei Gabriel afasta os panos que ocultam a imagem nua. Há uma pausa de espanto e logo um clamor, lançado por milhares de bôcas hipócritas, estrondeia. As imprecações atroam